**3. Aspectos emocionais e cognitivos do Design**

Na atividade de Design de Interiores, o processo de projetar exige do profissional a observância de diversos fatores, como definição de paleta de cores, escolha de materiais e revestimentos, a forma como serão instalados, seu custo e praticidade, entre outros. No entanto, considerando os aspectos emocionais e cognitivos, pode-se afirmar que o exercício da profissão seja muito mais do que eleger cores, formas, texturas, linhas, móveis e revestimentos na busca por projetar espaços de forma estética e funcional.

Assim sendo, em seus estudos voltados ao Design de Produtos, Norman (2008, p. 26) afirma que “Além do design de um objeto, também existe um componente pessoalque nenhum designer ou fabricante oferece. Objetos em nossas vidas são mais que meros bens materiais.” Segundo o autor expressa, há neles, de alguma maneira, algum significado muito particular e simbólico, que “[…] induz a uma postura mental positiva, um lembrete que nos traz boas recordações, ou por vezes uma expressão de nós mesmos.” (NORMAN, 2008, p. 26). Nesse sentido, realça três dimensões do design: o Visceral, o Comportamental e o Reflexivo. E exemplifica: “O design visceral diz respeito às aparências. […] O design comportamental diz respeito ao prazer e à efetividade no uso. […] Finalmente, o design reflexivo considera a racionalização e a intelectualização de um produto.” (NORMAN, 2008, p. 25). Por fim conclui: “[…] essas três dimensões muito diferentes estão sempre entrelaçadas em qualquer design. Não é possível ter design sem todas as três. Todavia, o mais importante, reparem em como esses três componentes combinam ao mesmo tempo emoções e cognição.” (NORMAN, 2008, p. 26).

Norman (2008) declara que é impossível separar as emoções da cognição e nesse sentido relaciona a ação destes ao comportamento do ser humano:

“Tanto o afeto quanto a cognição são sistemas de processamento de informações, mas possuem funções diferentes. O sistema afetivo faz julgamentos e rapidamente ajuda você a determinar as coisas no ambiente que são perigosas ou seguras, boas ou más. O sistema cognitivo interpreta e explica o sentido lógico do mundo. Afeto é o termo genérico que se aplica ao sistema de julgamentos, quer sejam conscientes ou inconscientes. Emoção é a experiência consciente do afeto, completa com a atribuição de sua causa e identificação de seu objeto.” (NORMAN, 2008, p. 31).

Nessa perspectiva, Botton (2013) afirma que existe um forte componente emocional na forma com que os espaços são projetados e concebidos, e nossos sentimentos podem ser alterados, a depender da cor de suas paredes ou do formato de suas portas ou janelas. “O que sentiremos numa casa com janelas semelhantes às de uma prisão, quadrados de alcatifa manchados e cortinas de plástico?” (BOTTON, 2013, p. 14). E ainda: “Uma sala feia pode cristalizar qualquer suspeita isolada sobre a imperfeição da vida, enquanto um cenário iluminado pelo sol com ladrilhos de calcário cor de mel pode dar apoio ao que de mais esperançoso existe em nós.” (BOTTON, 2013, p. 13).

Desse modo, Jhon Ruskin apud Botton (2013), sugere a procura de duas coisas relevantes nas construções arquitetônicas, e que também podemos interpretar como de grande significância para o Design de Interiores. A primeira está ligada às necessidades básicas do ser humano, ou seja, abrigo, conforto, segurança e funcionalidade, e a outra, que proporcione recordações, e que transmita sensações do que se considera importante.

Os edifícios que admiramos são em última análise aqueles que exaltam, de várias maneiras, valores que achamos louváveis – que remetem, quer pelos materiais, formas ou cores, para atributos tradicionalmente positivos como a amizade, a bondade, a subtileza, a força e a inteligência. O nosso sentido de beleza e a nossa perspectiva acerca da natureza de uma vida boa estão interligados. Procuramos associações de paz nos nossos quartos, metáforas de generosidade e harmonia nas nossas cadeiras e um ar de honestidade e franqueza em nossas torneiras. Podemos sentir-nos emocionados por uma coluna que se une ao tecto com graça, por degraus de pedra gastos que sugerem sabedoria e por uma porta georgiana que revela jovialidade e delicadeza na sua janela em forma de leque. (BOTTON, 2013, p. 109-110).

Ainda de acordo com Botton (2013), a organização dos espaços e ambientes abriga diversos tipos de informações e mensagens morais, contudo, apenas sugestionam, não se prestando à rigidez normativa que se obrigue a seguir. “Convida-nos, em vez de nos ordenar, a que imitemos seu espírito […]” (BOTTON, 2013, p. 22). Nesse contexto, sustenta que um espaço visualmente atraente pode impulsionar uma melhoria do humor, disposição ou ânimo, e que essa condição de experiência visual pode promover um estado de angústia ou felicidade, de forma que sofremos influência dos elementos que estão ao nosso derredor. A relação do homem com os objetos, suas sensações, experiências, vivências e significados é tema bastante explorado pelo engenheiro elétrico e Ph.D. em Psicologia Donald Norman em sua obra “Design Emocional”. Nesse contexto, Norman (2008) declara que a emoção é componente imprescindível na vida, influenciando comportamentos, sentimentos e pensamentos, e auxilia a emissão de juízos de valor a respeito do mundo e das coisas. Afirma, ainda, que a emoção permite tornar as experiências cotidianas, até as mais elementares, mais ou menos agradáveis. Em suas palavras:

[…] objetos esteticamente agradáveis contribuem para que você trabalhe melhor. (NORMAN, 2008, p. 30). […] objetos atraentes fazem as pessoas se sentirem bem, o que por sua vez faz com que pensem de maneira mais criativa. ” (NORMAN, 2008, p.39).Na qualidade de objetos de arte, eles alegram meu dia. E talvez, o mais importante, é o fato de que cada um transmita um significado próprio,cada um tenha sua história. (NORMAN, 2008, p. 24).

Com relação à abordagem do tema no campo do Design de Interiores, ao prefaciar a obra do autor (2008), Damazio e Mont’Alvão destacaram que: “[…] o design – com seu modo interdisciplinar de ser – vem visitando campos distintos em busca de respaldo teórico e metodológico para colocar em prática a ideia de projetar levando em consideração a emoção que os produtos despertam nos usuários.” (2008, p. 12). E afirmam, ainda, que os objetos assumem “forma social” e “funções simbólicas”. Esse entendimento por parte do profissional do Design de Interiores é de extrema importância para o desenvolvimento de seus projetos, de modo a despertar emoção, permitindo assim, que o design transmita um significado próprio.

No que diz respeito a isso, Botton (2013) salienta que raramente se fala a respeito da significativa capacidade de comunicação dos ambientes, objetos, cores, texturas ou formatos, entretanto, é notório que os sentidos se aguçam na presença desses elementos e afetam a percepção do observador, transmitindo sensações, emoções e impressões daquilo que se pode considerar de fato relevante. “Qualquer objecto de design dará a impressão da atitude moral e psicológica que acarreta.” (BOTTON, 2013, p. 80).

Por conseguinte, alguns ambientes nos parecem mais agradáveis e transmitem sensação de bem-estar, conforto visual e prazer, enquanto outros, podem comunicar confusão, desconforto, agitação e até depressão. Cada componente presente no ambiente é percebido, sejam elementos construtivos ou objetos de decoração ou ainda itens do mobiliário; suas formas, tamanhos, cores e texturas podem agradar ou não aos olhos, isso segundo a percepção humana de cada indivíduo e de acordo com seu sistema de valores. (BOTTON, 2013).

Essas sensações no campo da psique humana têm sido estudadas e atualmente, mais exploradas em um ramo recente da Psicologia Ambiental, a Psicologia do Design de Interiores (SCARDUA, 2009), a qual procura compreender as reações dos seres humanos no nível emocional e cognitivo em relação à organização de espaços interiores. Assim, explora as emoções e vivências positivas para promover ambientes que proporcionem bem-estar e qualidade de vida. De acordo com a psicóloga Angelita Scárdua ⁴ (2011), as pessoas têm buscado cada vez mais uma relação com o ambiente em que vivem, procurando encontrar uma conexão entre seu espaço e o que pensam e sentem. Espaço esse que reflete, tanto traços da personalidade do morador quanto suas crenças e valores, sejam eles recentes ou permanentes. Nesse sentido, a autora afirma que a casa de um indivíduo é um espaço de significado simbólico e existencial, um lugar de auto expressão, ou seja, uma extensão de sua forma de viver e ver o mundo e a si mesmo.

Scárdua (2012) destaca ainda a importância de os profissionais da área perceberem e projetarem os espaços a partir da percepção que o cliente tem do mundo e de si mesmo, para que a casa não seja simplesmente um espaço para hospedar seus moradores, meros dormitórios ou local para higiene pessoal. Que seja sim, um lugar onde as pessoas possam experimentar e vivenciar seus sentimentos, emoções e sensações, se sintam acolhidas e que possua atmosfera capaz de fortalecer identidade, repor energias e delimitar o território físico e imaginário no mundo, além de proporcionar sensação de segurança e pertencimento.

Nas palavras de Norman (2008) “Para o profissional que se dedica ao design centrado no usuário, servir clientes é um meio de aliviá-los de frustrações, de confusão, de uma sensação de impotência. Fazê-los sentir-se no controle e dar-lhes poder.” (NORMAN, 2008 p. 116).

Assim, de acordo com Scárdua (2011), lançar mão de tendências e modismos sem priorizar as necessidades e expectativas do cliente, e principalmente uma representação significativa de sua personalidade, pode constituir em um dos principais problemas que dificultam e prejudicam o bem-estar físico e emocional. Além disso, pode impedir que a casa seja um espaço de refúgio, no qual o indivíduo se sinta seguro em um ambiente reconhecido como sendo próprio, e onde pode se expressar livre e integralmente. Nesse contexto, Scolforo (2009) afirma que “Alcançar o bem-estar em casa envolve perceber valores que ultrapassam tendências de decoração.”

O que se tem constatado, é que as pessoas são sensibilizadas e influenciadas pelo design significativo, uma vez que é repleto de valor e importância; brinda a vida com boas recordações e remete a boas lembranças, incentivando e estimulando uma atitude mental e postura positiva diante da vida. (NORMAN, 2008).

Em vista disso, o importante é que se possa, sem abandonar a estética e os aspectos técnicos como ergonomia e funcionalidade, dentre outros, estabelecer o foco no indivíduo e na sua maneira de compreender e interagir com o meio social e físico, e não no espaço projetado.

⁴ Psicóloga, Mestre e Doutoranda pela USP (SP). Especializada em Desenvolvimento de adultos, na experiência de Felicidade e nos estudos da Psicologia Social.

Nas palavras de Scárdua (2009):

Ainda assim, de que forma os “profissionais da casa” podem nos ajudar a erigir um lar? Se pensarmos que a ideia de lar implica, em boa parte, a expressão da nossa individualidade, o desejo de afirmarmos nossa condição social e cultural e a representação dos nossos valores pessoais; o mínimo de conhecimento psicológico, tanto ao nível da espécie – o ser humano – quanto ao nível do indivíduo – o sujeito que demanda acasa – deveria ser parte essencial da formação daqueles que constroem casas. Quem sabe, num futuro próximo se estabeleça uma abertura conceitual de ambos os lados para a existência de um trabalho interdisciplinar? Ou, pelo menos, o interesse numa produção teórico-prática que busque efetivamente o diálogo entre áreas como Arquitetura, Design, Decoração, Engenharia Civil, Psicologia,Antropologia, Sociologia, História, etc. (SCÁRDUA, 2009, p. 2).

Nesse sentido, Norman (2008) ressalta que: “[…] o lado emocional do Design pode ser mais decisivo para o sucesso de um produto que seus elementos práticos”. (NORMAN, 2008, p. 24). Compreendida essa realidade, pode-se afirmar que, para o exercício pleno da profissão de Design de Interiores, entender de forma clara os aspectos cognitivos e emocionais do indivíduo e do design é extremamente relevante e impõe a busca por saberes que garantam tais competências.

**Fonte:**<https://revistaintramuros.com.br/aspectos-emocionais-e-cognitivos-do-design-edicao-01/>